

Instituto Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

Helder Felipe de Oliveira
Liliane Madruga Prestes



**Juventudes Negras, Educação Profissional
e Mundo do Trabalho**

Guia de atividades com oficinas de Letramento Racial para a promoção de uma Educação Antirracista no contexto da Educação Profissional e Tecnológica.

AUTOR:
Helder Felipe de Oliveira

CO-AUTORA E ORIENTADORA:
Liliane Madruga Prestes

PROJETO GRÁFICO E
DIAGRAMAÇÃO:
Helder Felipe de Oliveira

REVISÃO:
Christiane Jaroski Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

O48j Oliveira, Helder Felipe de
Juventudes Negras, Educação Profissional e Mundo do Trabalho : Guia de atividades com oficinas de Letramento Racial para a promoção de uma Educação Antirracista no contexto da Educação Profissional e Tecnológica [recurso eletrônico] / Helder Felipe de Oliveira, Liliane Madruga Prestes. -- Porto Alegre, RS : IFRS, 2023.
1 arquivo em PDF (55 p.)

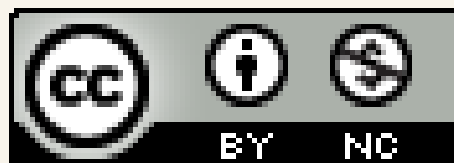
ISBN 978-65-5950-067-3

Produto educacional elaborado a partir da dissertação intitulada: "Juventudes negras, educação profissional e mundo do trabalho: estratégias de ensino pautadas na escuta de jovens visando à promoção de uma educação antirracista.". (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). - IFRS, Campus Porto Alegre, RS, 2023.

1. Ensino profissional. 2. Mercado de trabalho. 3. Racismo. 4. Juventude I. Prestes, Liliane Madruga. II. Título.
CDU: 377

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

Produto educacional elaborado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.



Esta obra está licenciado com uma
Licença Creative Commons
Atribuição Não - Comercial
4.0 Internacional

SUMÁRIO

Apresentação	Página 05
Letramento Racial	Página 07
Círculo da Cultura	Página 09
Metodologia do Círculo	Página 11
Racismo Estrutural	Página 13
Educação Profissional	Página 16
Formação Inicial e Continuada	Página 17
Trabalho	Página 18

SUMÁRIO

Oficina 1: Conceituando o Racismo.	Página 20
Oficina 2: Juventude ou Juventudes: que jovem sou eu?	Página 24
Oficina 3: Racismo e Trabalho.	Página 31
Oficina 4: Território Jovem.	Página 35
Oficina 5: Políticas de ações afirmativas e cotas raciais.	Página 39
Oficina 6: Juventudes negras e cotas raciais: atuais políticas de acesso à educação profissional e tecnológica.	Página 44
Oficina 7: Por uma educação antirracista/Encerramento/Avaliação.	Página 49
Referências	Página 51

APRESENTAÇÃO

Este produto educacional é destinado a educadores/as e demais profissionais da educação que atuam com jovens e adultos, em especial, em espaços formais e não formais de ensino e de Educação Profissional e Tecnológica. Consiste num guia de atividades contendo uma proposta de sequência de oficinas cujo objetivo é inspirar a adoção de práticas de ensino que contribuam para o enfrentamento ao racismo estrutural, com enfoque, na educação profissional e no mundo do trabalho.

Resulta do estudo desenvolvido no decorrer do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) ofertado em rede, pelo IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Porto Alegre, na linha de pesquisa de Práticas Educação na EPT. Tais estudos foram sistematizados mediante o relato de uma sequência de oficinas desenvolvidas com a participação de jovens de uma comunidade da região metropolitana de Porto Alegre - RS que participam de uma espaço voltado à educação profissional na modalidade de formação continuada.

APRESENTAÇÃO

Quanto ao referencial teórico, ressaltamos que esse guia de atividades é um produto educacional, resultante de uma pesquisa de mestrado, por isso não podemos perder de vista alguns conceitos que estão presentes na dissertação associada a esse produto, são: juventudes negras, educação profissional, racismo estrutural e mundo do trabalho.

Quanto à metodologia de organização das oficinas propostas, partimos do conceito de letramento racial, introduzido no Brasil pela pesquisadora Lia Vainer Schucman e, para a metodologia das oficinas, tomamos por inspiração os círculos da cultura, do educador Paulo Freire, patrono da educação brasileira. Acreditamos que estes autores servirão de referência no desenvolvimento de outras iniciativas no âmbito das práticas de ensino.

Quanto à estrutura do material, buscamos deixá-lo minimamente acessível e, para tanto, buscamos descrever as imagens e adicionar o respectivo endereço eletrônico de cada um dos materiais sugeridos, cujo acesso é público e gratuito.

Por fim, desejamos que os subsídios apresentados contribuam e inspirem outras iniciativas voltadas à promoção de uma educação antirracista no contexto da educação profissional e do mundo do trabalho.

Boa leitura!

Helder Felipe de Oliveira
Dra. Liliane Madruga Prestes

LETRAMENTO RACIAL

(...) o letramento racial está relacionado principalmente com a necessidade de desconstruir formas de pensar e agir que foram naturalizadas. Se não admitirmos que nossa sociedade é organizada a partir de uma perspectiva eurocêntrica e orientada pela lógica do privilégio do branco, trabalharemos com uma falsa e insustentável ideia de igualdade, porque o racismo é estrutural e institucional (ALMEIDA, p. 2)

Letramento racial é um conceito estadunidense, desenvolvido pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine, trazido ao Brasil pela pesquisadora Lia Vainer Schucman. Professores, dos anos iniciais principalmente, sabem que letramento é a fase que antecede a alfabetização, pois é o momento em que os alunos são introduzidos às letras, à importância da leitura e, antes mesmo do silabar, são impelidos a perceber a leitura como uma prática social, presente em todas as sociedades modernas.

Quero aqui relacionar o letramento à perspectiva estrutural que temos posto para trocar as lentes de como as pessoas enxergam o racismo. Isto é, um letramento para qualificar a forma de enxergar a realidade.

Clique aqui e acesse o texto da socióloga Neide Almeida, explicando mais do conceito de Letramento Racial.

Ou utilize o QR CODE ao lado:



LETRAMENTO RACIAL

Quer saber mais sobre Letramento Racial?

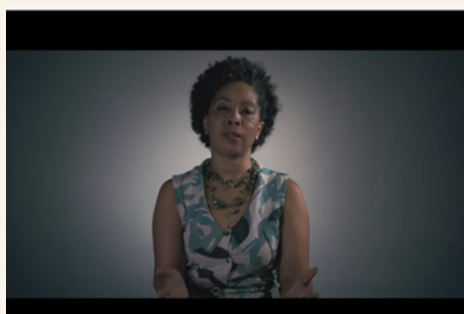
Dicas de vídeos disponíveis gratuitamente no Youtube que poderão subsidiar o estudo sobre tal conceito.



PraTodosVerem: Imagem do vídeo: mulher negra com cabelos compridos e blusa colorida. Ao fundo parede branca com estante de madeira e livros.

Vídeo: **O que é Letramento Racial?**

Acesse [AQUI](#) ou através do QR CODE abaixo:



PraTodosVerem: Imagem do vídeo: mulher negra com cabelos curtos e blusa colorida em tons de branco e azul. Ao fundo parede com luz escura.

Vídeo: **Letramento Racial, reconhecer e desconstruir o racismo**

Acesse [AQUI](#) ou através do QR CODE abaixo:



CÍRCULO DA CULTURA

Para a organização das oficinas, tomamos como inspiração o Círculo da Cultura, do método Paulo Freire, que consiste numa construção de conhecimentos por meio do diálogo.

Acreditamos que os círculos rompem com a ideia do educador como o único que detém o conhecimento, uma vez que a sua configuração permite uma dinâmica mais coletiva, horizontal, de trabalho em grupo, respeito e participação, fomentando a criticidade..

Círculo de Cultura é um método criado por Freire que tem como premissa o diálogo. Seja para a mediação de conflitos, para o partilhar de conhecimentos ou até mesmo para a definição de alguma pauta. O círculo parte do diálogo e escuta atenciosa aos seus participantes.

Vamos falar mais sobre o Círculo da Cultura e sua metodologia nas próximas páginas.

CÍRCULO DA CULTURA

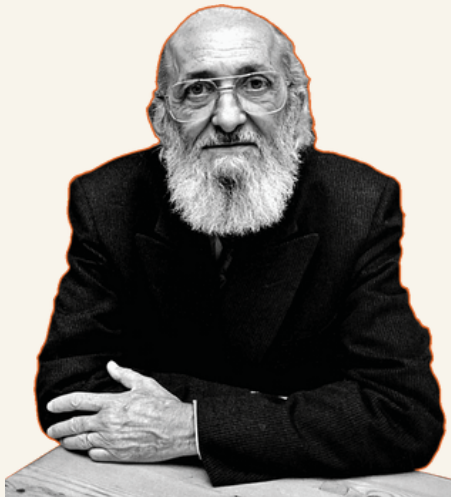
A partir da crítica formulada por Paulo Freire a respeito do que ele denominou de “educação bancária”, o Círculo da Cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que sabe e ensina quem não sabe e aprende aparece como o monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõe construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. Era ponto de partida a ideia de que apenas, através de uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas, seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos e conscientes e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si-mesmo como uma pessoa entre outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipatoriamente político; a das estruturas da vida social (BRANDÃO, 2010, p. 135)

Dica de leitura para ampliar os conhecimentos sobre o Círculo da Cultura e outros conceitos e contribuições do patrono da educação brasileira para a nossa educação.

Clique [AQUI](#) ou utilize o QR CODE ao lado para acessar o **Dicionário Paulo Freire** .



METODOLOGIA DO CÍRCULO



#PraTodosVerem: Imagem de Paulo Freire- homem branco, idoso, calvo, com barba branca, usando óculos e casaco preto de mangas compridas. Está sentado e de braços cruzados tendo como fundo uma parede branca.

O Círculo de Cultura é um método criado pelo educador Paulo Freire que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo - fator básico e necessário à prática pedagógica democrática. Estas são características dos Círculos de Cultura - o diálogo, a participação, o respeito ao outro, ao trabalho em grupo, a dinâmica de um constructo contínuo. Portanto, os Círculos de Cultura são espaços no qual se ensina e se aprende. Espaço em que a preocupação não é simplesmente transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de construção do conhecimento de forma coletiva, através das experiências vividas.

Sistematização/Metodologia

O início da metodologia será de responsabilidade do(a) mediador(a) e se formará por um momento de socialização do coletivo, de reconhecimento/apresentações (Título do projeto, nome do Coordenador, dos participantes, campus de origem, local onde ocorre a ação).

1) Os autores(as) irão se posicionar em círculo e compartilharão suas experiências e aprendizagens construídas a partir da sua participação nas ações desenvolvidas nas comunidades. Para apresentação, poderão participar até 3 membros por trabalho submetido.

**Para ampliar os estudos sobre Círculo da Cultura
acesse AQUI ou utilize o QR CODE ao lado.**



METODOLOGIA DO CIRCULO

Sistematização/ Metodologia

2) As apresentações e os debates acontecerão de forma exclusivamente oral. Cada autor ou grupo apresentará seu trabalho (objetivos, metodologias, resultados obtidos /ou esperados), nível de abrangência (local, regional, nacional, global), fragilidades e potencialidades (10 minutos por grupo).

3) Após essa etapa, haverá um diálogo livre entre os(as) apresentadores/expositores e ouvintes sobre as variáveis de conexões entre os estudos apresentados, momento esse facultativo para perguntas sobre qualquer um dos trabalhos apresentados. Por esse motivo, os grupos apresentadores não podem se retirar do recinto enquanto não finalizar o círculo. Esse momento será organizado pelo(a) mediador(a), que será responsável pelo fio condutor da metodologia e da síntese final.



#PraTodosVerem: Imagem do rosto de Paulo Freire-
homem, idoso, calvo, com barba branca, usando
óculos.

RACISMO ESTRUTURAL

Vamos usar, para esse guia de atividades, a concepção de Racismo Estrutural que o professor Silvio Almeida nos traz em seu livro: Racismo Estrutural, 2019, parte da série Feminismos Plurais, da editora Jandaíra e coordenado pela professora e filósofa Djamila Ribeiro.



#PraTodosVerem: Imagem de Silvio de Almeida- homem negro, calvo, usando óculos e camisa de mangas compridas na cor amarela. Está sentado, com as mãos cruzadas a frente do corpo. Fundo da imagem na cor preta.

É comum que encontremos diversas explicações do que é o racismo, seja na internet, revistas, programas de televisão e outros, são várias as definições.

Para além dessas definições, temos algo presente no imaginário social, no senso comum, que faz diversas pessoas reproduzirem uma suposta definição de racismo sem o perceberem como uma prática estrutural, histórica e fundamentada na criação da nossa sociedade, reduzindo-o ao comportamento errado de algumas pessoas ou grupos racistas.

No livro "Racismo Estrutural", o professor Silvio Almeida nos participa de três concepções de racismo: individual, institucional e estrutural. Esse guia de atividades toma por base a concepção estrutural, mas vamos apresentar aqui um rápido comentário sobre essas três perspectivas.

RACISMO ESTRUTURAL

RACISMO INDIVIDUAL



Essa perspectiva percebe o racismo como uma anormalidade, como o comportamento errado de uma pessoa ou determinado grupo, como se a prática do racismo fosse meramente um problema ético, uma falha de caráter individual ou coletiva.

RACISMO INSTITUCIONAL

Nessa perspectiva, o racismo é visto como o resultado do funcionamento das instituições. Isto é, não mais percebido como um comportamento individual ou uma falha de caráter, mas como uma prática produzida por instituições que funcionam na divulgação de desvantagens e privilégios baseados na raça.



RACISMO ESTRUTURAL



Na perspectiva institucional, vemos que o racismo funciona em acordo com instituições que resguardam a ordem social. Uma ordem com conflitos e tensões previamente presentes em sua estrutura. O racismo dessas instituições, então, compõe a estrutura dessa mesma ordem que visa resguardar. Em outras palavras: as instituições são racistas porque a sociedade é racista, uma vez que o racismo é estrutural e presente na sua fundação.

RACISMO ESTRUTURAL

O conceito de **Racismo Estrutural** marca uma superação nos estudos do racismo ao avançar sobre as perspectivas individual e institucional. Para subsidiar o debate, propomos o vídeo produzido pelo professor Sílvio de Almeida, pesquisador brasileiro que, em janeiro de 2023, foi nomeado como Ministro dos Direitos Humanos.



#PraTodosVerem: Imagem de Sílvio de Almeida- homem negro, calvo, usando terno e gravata. Fundo da imagem com árvore e gramado.

Acesse [AQUI](#) o vídeo:
**Racismo Estrutural ,
de Sílvio Almeida
OU
utilize o
QR CODE abaixo:**



EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A educação profissional e tecnológica (EPT) é uma modalidade educacional prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com a finalidade precípua de preparar “para o exercício de profissões”, contribuindo para que o cidadão possa se inserir e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade.

Para tanto, abrange cursos de qualificação, habilitação técnica e tecnológica, e de pós-graduação, organizados para propiciar o aproveitamento contínuo e articulado dos estudos.

Fonte: Site do Ministério da Educação

**Clique aqui e veja essa informação na
íntegra no site do Ministério da Educação
ou
utilize o QR CODE abaixo:**



A LDB situa a educação profissional e tecnológica na confluência de dois dos direitos fundamentais do cidadão: o direito à educação e o direito ao trabalho. Isso a coloca em uma posição privilegiada, conforme determina o Art. 227 da Constituição Federal, ao incluir o direito à “educação” e à “profissionalização” como dois dos direitos que devem ser garantidos “com absoluta prioridade”.

**Acesse aqui a lei Nº 9.394, de
20 de dezembro de 1996 ou
utilize o QR CODE ao lado:**



FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

A formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional, assim denominada na LDB, também possui a denominação de “qualificação profissional, inclusive formação inicial e continuada de trabalhadores”, determinada no Decreto nº 5.154/2004, alterado pelo Decreto nº 8.268/2014.

A formação inicial e continuada (FIC) ou qualificação profissional são organizados para preparar para a vida produtiva e social, promovendo a inserção e reinserção de jovens e trabalhadores no mundo do trabalho.

Isso inclui cursos de capacitação profissional, aperfeiçoamento e atualização profissional de trabalhadores em todos os níveis de escolaridade. Abrange cursos especiais, de livre oferta, abertos à comunidade, além de cursos de qualificação profissional integrados aos itinerários formativos do sistema educacional.

Instituições ofertantes

Podem oferecer cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional às instituições que compõem:

- as redes federal, estaduais, distrital e municipais de educação profissional e tecnológica;
- os Serviços Nacionais de Aprendizagem (SNAs);
- instituições privadas de educação profissional e tecnológica;
- escolas habilitadas para oferta de cursos no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Além das instituições relacionadas acima, os cursos livres podem ser oferecidos por empresas, associações de classe, sindicatos, igrejas etc.

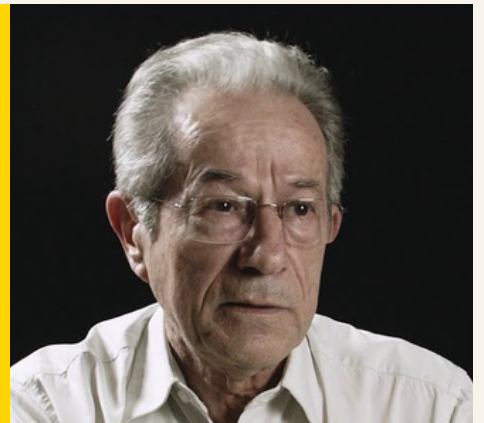
Saiba mais acessando o QR CODE ao lado.



TRABALHO

Quando falamos de trabalho nesse guia de atividades, estamos nos referindo ao trabalho em seu sentido ontológico e histórico, como nos traz Saviani (2007), ao falar do trabalho como algo que é inerente à vida humana, ao ser social, uma vez que só o ser humano trabalha e educa.

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (SAVIANI, 2007).



#PraTodosVerem: Imagem de Dermeval Saviani - homem branco, cabelos grisalhos, usando camisa óculos e camisa branca. Fundo da imagem na cor preta.

Compreendemos a importância de todo o trabalho e toda a diversidade de profissões que temos no tempo presente, mas, ao falarmos com as juventudes, queremos que se atentem às relações de trabalho do nosso tempo e como elas se precarizaram e se esvaziam do seu potencial de um trabalho que realiza o ser humano enquanto ser social.

TRABALHO

A precarização das relações de trabalho é algo que tem se agravado nos últimos anos. Imaginamos, ao pensar esse guia, no quanto essa agenda atinge a vida dos jovens que, ao terminarem a escola ou precisarem auxiliar na renda familiar, tem de lidar com um mercado exigente e pouco receptivo a esses novos trabalhadores.

Boa parte dessas novas relações de trabalho, que visam garantir benefícios às empresas por meio da flexibilização das relações trabalhistas, encontra ressonância nos jovens das comunidades. Ainda, parte desse movimento de precarização ganha força nas plataformas digitais e nos aplicativos de entrega. Temos, então, a chama **uberização** das relações de trabalho.

As supostas novas formas de organização do trabalho associadas ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e às empresas que se apresentam como plataformas ou aplicativos são, de fato, estratégias de contratação e gestão do trabalho que mascaram o assalariamento presente nas relações que estabelecem. A negação do assalariamento é elemento central da estratégia empresarial, pois, sob a aparência de maior autonomia (eufemismo para burlar o assalariamento e efetivar a transferência dos riscos), o capital busca, de fato, ampliar o controle sobre o trabalho para recrudescer a exploração e sua sujeição. (ANTUNES e FILGUEIRAS, 2020).

Enquanto educadores, é preciso atentarmos para essas "novas formas de trabalho" que podem atingir a vida dos jovens, comprometendo etapas de sua formação, inclusive, profissional.

1

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional.

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre "pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição".

Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2019, p.50).

OFICINA 1

CONCEITUANDO RACISMO

Na Oficina 1, trabalharemos com o conceito de racismo na perspectiva apontada por Almeida (2019). Com base em tal entendimento, o presente Guia propõe que enxerguemos o racismo como uma prática estrutural. Para tanto, o desafio é problematizarmos e rompermos com concepções arraigadas em nossa sociedade que limitam o entendimento do racismo como uma prática individual, de instituições, ou o classifiquem dentro do senso comum, sem muita atenção para a discussão teórica.

Diante do exposto, objetivamos que, com essa primeira atividade, os/as jovens sejam apresentados as três perspectivas do racismo, a saber: individual, institucional e estrutural, com destaque a essa última. A proposta é tensionarmos as relações de poder tão presentes nos tecidos da nossa história, buscando o desenvolvimento de estratégias individuais e coletivas promotoras de uma educação antirracista.

OFICINA 1

CONCEITUANDO O RACISMO

Temática (s): Introdução aos estudos sobre os conceitos de racismo e impactos de práticas racistas para as juventudes no âmbito da educação e mundo do trabalho.	
Tempo estimado de duração: 2 horas	
Público a que se destina: adolescentes, jovens e adultos.	
Objetivo (s)	Promover a escuta das juventudes, investigando o que entendem por racismo e que práticas racistas identificam no seu cotidiano. Ampliar os espaços para diálogo com as juventudes visando à produção de subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento de práticas educativas antirracistas.
Conteúdos propostos	Introdução aos estudos sobre racismo; Identificação e problematização de práticas racistas, sobretudo no contexto das juventudes e do mundo do trabalho; Compreensão e diferenciação da perspectiva individualista, institucional e estrutural do racismo.
Estratégias Metodológicas	1º Momento: Problematização inicial: abordagem inicial do entendimento dos/participantes sobre o conceito de racismo e suas consequências, a partir da análise da atual sociedade brasileira apresentado através do documentário: "O racismo é perigoso na educação das crianças", o qual está disponível de forma pública e gratuita no canal do Youtube. 2º Momento: Roda de conversa sobre as nuances do racismo apontadas no documentário na percepção dos/as jovens participantes do estudo e as relações que estabelecem com o cotidiano. 3º Momento: Apresentação expositiva dialogada sobre os tipos de racismo e suas manifestações, articulando com o documentário apresentado. 4º Momento: Sistematização final: Elaboração coletiva de uma nuvem de palavras enfocando as concepções sobre racismo e como ele tem sido (re) produzido no cotidiano a partir da vivência dos participantes do estudo.

OFICINA 1

CONCEITUANDO O RACISMO

Recursos	Projetor para a apresentação do vídeo e do Power Point.
Referências	ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo Estrutural (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro) . São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. Sugestão de vídeo: O RACISMO é PERIGOSO na EDUCAÇÃO das CRIANÇAS - Canal PretoLink para acesso ao vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=KZGnu4NcWLS

OFICINA 1

CONCEITUANDO O RACISMO

Sugestões de materiais para o diálogo com as juventudes:



PraTodosVerem: Imagem do vídeo: mulher negra com cabelos compridos e blusa branca. Ao fundo parede branca desenhos fora de foco, em preto.

Acesse [AQUI](#) o vídeo:

O racismo é perigoso na educação das crianças
ou acesse através do QR CODE abaixo:



Dica 1: Recomendamos o vídeo acima para introduzir as ações da Oficina 1, conforme a página anterior, mas você pode buscar outros vídeos que disparem essa discussão para o seu grupo.

Dica 2: Nuvens de palavras são ótimos instrumentos para o educador mapear as impressões da sua atividade com os alunos, as nuvens permitem reconhecer palavras em voga, avaliar a prática de trabalho do educador e outras coisas. Para a atividade 1, usamos o site "mentimeter", mas você pode usar outras formas ou sites para chegar a essa nuvem de palavras.

[Clique aqui e acesse o site](#)
[mentimeter.com](https://www.mentimeter.com)
ou utilize o QR CODE ao lado



2

Temática: Compreensão das juventudes em sua diversidade e inúmeros contextos (sociais, territoriais, de raça e etnia, religiosos, etc.).

Objetivo: Reconhecer a diversidade das juventudes, o quanto esse conceito é múltiplo e plural, mas também identificar pontos em comum, como os marcadores sociais, principalmente, que narram a vida e pertencimento dos jovens nas comunidades, sobretudo dos jovens negros.

Oficina 2: Juventudes (Que jovem sou eu?)

Duração: 2h

Publico-alvo: adolescentes, jovens e adultos participantes de cursos FIC de qualificação profissional.

OFICINA 2

JUVENTUDE OU JUVENTUDES: QUE JOVEM SOU EU?

As juventudes são diversas, dinâmicas e plurais. Os atravessamentos de raça\etnia, orientação sexual e identidade de gênero, capacitismo e territorialidade traçam destinos e comportamentos, bem como os pertencimentos religiosos, atividades de grupos (esporte, clubes, etc).

Para dar seguimento ao que propomos com o letramento racial, é importante que os jovens percebam de que ou quais juventudes estamos falando, e também percebam como se encaixam nessa narrativa de experiência juvenil que temos proposto.

OFICINA 2

JUVENTUDE OU JUVENTUDES: QUE JOVEM SOU EU?

Temática (s): Juventude ou Juventudes: Que jovem sou eu?	
Tempo estimado de duração: 2 horas	
Público a que se destina: Jovens estudantes	
Objetivo (s)	Promover o debate sobre os conceitos de juventude (s) e diversidade (s) problematizando-os mediante o diálogo com os/as jovens visando à reflexão crítica e à adoção de práticas pautadas pelo respeito, reconhecimento e valorização das diferenças individuais e/ou coletivas.
Conteúdos propostos	Ampliando o entendimento sobre os conceitos de juventude (s) e diversidade (s).
Estratégias Metodológicas	<p>1º Momento: Apresentação do tema Juventudes, a partir da exibição do vídeo "Juventude e Diversidades, da CUT - Central Única dos Trabalhadores, Brasil".</p> <p>2º Momento: Perguntas para provocações iniciais: Que jovem eu sou? O que me difere de outros jovens? Ser jovem negro é diferente de ser um jovem não negro? Ser um jovem nessa comunidade me faz diferente de outros jovens?</p> <p>3º Momento: Organizar os jovens em dois ou três grupos, para que construam uma "personagem jovem" que assimile os pontos em comuns que esses jovens do grupo possuem (características como raça/etnia, territorialidade, experiência familiar, e outros). Os jovens devem dar um nome para esse personagem, falar sobre seus processos de escolarização, pertencimento religioso e/ou comunitário, faixa etária, identidade de gênero e sexualidade, e outros.</p> <p>4º Momento: Depois desse personagem criado, organizado com as características em comum desses jovens dos grupos, os jovens - ainda no mesmo grupo - devem agora assinalar quais as diferenças que eles possuem uns dos outros, afinal as juventudes são diversas e plurais. Queremos aqui que percebam as juventudes como diversas, uma vez que, apesar dos vários pertencimentos em comum que eles possuem entre si, ainda são distintos uns dos outros em outras perspectivas, como orientação sexual, identidade de gênero e religiosidade, a exemplo.</p> <p>5º Momento: Sistematização final: apresentação do que os grupos construíram.</p>

OFICINA 2

JUVENTUDE OU JUVENTUDES: QUE JOVEM SOU EU?

Recursos	Projetor para a apresentação do vídeo e do Power Point;Papel cartaz;Hidrocor.
Referências	Vídeo disponível no Youtube: Juventude e Diversidade . Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=KvR5pCQVuaw

OFICINA 2

JUVENTUDE OU JUVENTUDES: QUE JOVEM SOU EU?

Desenvolvimento:



PraTodosVerem: Imagem do vídeo: mulher, jovem, negra com cabelos compridos, camiseta preta, microfone na mão. Ao fundo prédios e pessoa caminhando numa passeata com bandeiras e tambores.

Clique [AQUI](#) e acesse ao vídeo: Juventude e Diversidade OU utilize o QR CODE abaixo:



Dica 1: Recomendamos o vídeo acima para introduzir as atividades da Oficina 2, mas existem outros vídeos que falam das juventudes disponíveis de forma gratuita no YouTube e outros sites.

Dica 2: Usamos algumas perguntas no segundo momento da atividade para provocações iniciais, mas você pode adaptar as perguntas ou se utilizar de dinâmicas e outras atividades que façam essas mesmas provocações.

Ao abordarmos conceito de gênero, reportamos aos estudos realizados pelo pesquisador Leandro Colling (2018, p.38) o qual destaca que:

"[...] Gênero é uma categoria de análise e as identidades de gênero podem ser variadas e misturadas. Pensar que só existem duas identidades de gênero é uma operação que exclui outras formas com as quais muitas pessoas se identificam na atualidade. Todas as pessoas possuem um gênero ou uma mistura entre os dois gêneros mais conhecidos. Assim como as nossas identidades culturais, nós também não construímos de forma autônoma a nossa identidade de gênero. Aliás, temos muito pouca autonomia para definir qual será a nossa identidade de gênero porque ela já foi determinada antes mesmo antes do nosso nascimento".

JOVENS, RAÇA E GÊNERO

Sabemos que a ideia principal de guia de atividades é discutir o racismo estrutural e seus impactos nas juventudes negras, educação profissional e mundo do trabalho. No entanto, no contexto das comunidades, as relações de gênero nas juventudes negras também incide na questão racial e nos impactos do racismo.

Ser um jovem menino negro em uma comunidade marcada pela violência é algo que coloca esse jovem no topo da cadeia de morte, seja devido às brigas territoriais, ao tráfico, à abordagem policial truculenta e outros

Ser uma jovem menina negra no mesmo cenário, coloca essa jovem na posição de cuidadora, daquela que precisa se responsabilizar pelos irmãos mais novos, idosos e/ou adoentados em seu núcleo familiar, comprometendo, muitas vezes, a sua escolarização.

JOVENS, RAÇA E GÊNERO

A) O caso dos homens negros:

Quando pensamos em recortes de gênero, não podemos abrir mão de pôr uma lupa sobre essas questões e pensar nos atravessamentos produzidos pela raça e racismo que entram em conflito ou se potencializam na desigualdade de gênero. A masculinidade branca, em uma sociedade patriarcal como o Brasil, dispõe de uma série de mecanismos que corroboram para a manutenção do seu poder. A mesma situação não acontece com os homens negros, porque a masculinidade para esses se dá em uma dinâmica diferente de poder, uma vez que a raça e o racismo são determinantes.

A filósofa Djamila Ribeiro, em seu livro, "Pequeno manual antirracista", fala dessas intersecções ao exemplificar a homossexualidade de homens brancos que são discriminados pela orientação sexual, mas ainda fazem parte de um grupo hegemônico que detém o poder, sendo, portanto, estruturalmente privilegiados. Homens negros não pertencem a esse grupo hegemônico determinado pela branquitude, portanto não se utilizam desses privilégios.

1º Momento: Com todos os jovens organizados em círculo, introduza essas impressões de gênero e sexualidade e suas interfaces com o racismo e as juventudes, após questione:

- No que trabalham os homens negros da nossa comunidade?
- Qual o nível de escolarização dos homens negros da nossa comunidade?
- Quantos jovens meninos da nossa comunidade evadiram da escola? Quantos são negros?

JOVENS, RAÇA E GÊNERO

B) O caso das mulheres negras:

A psicóloga Cida Bento, em seu livro "O pacto da branquitude", elucida que as mulheres negras historicamente sofrem com a marginalização social e exclusão das oportunidades de trabalho, sendo estruturalmente invisibilizadas em seu potencial e vistas como a sempre "empregada doméstica", na função de cuidadora e asseio da casa dos patrões.

Outra vez a filósofa Djamila Ribeiro, agora em seu livro "Lugar de Fala", traz à luz uma fala bastante repercutida pelo senso comum, a de que mulheres ganham 30% a menos do que homens. Mas de que mulheres e homens estamos? Do ponto de vista lógico, essa informação não está incorreta. Mas do ponto de vista ético, sim. Explico: mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos.

Atentar para a desigualdade salarial olhando apenas para a perspectiva de gênero não dá conta do problema estrutural que temos. Negar o atravessamento racial, principalmente numa sociedade como a brasileira, é corroborar com o racismo, uma vez que a raça e o racismo são determinante.

2º Momento: Com todos os jovens organizados em círculo, introduza essas impressões de gênero e sexualidade e suas interfaces com o racismo e as juventudes, após questione:

- No que trabalham as mulheres negras da nossa comunidade?
- Qual o nível de escolarização das mulheres negras da nossa comunidade?
- Quantas jovens meninas da nossa comunidade evadiram da escola? Quantas são negras?

3

Temática:

Representações de pessoas negras nos ambientes de trabalho; Juventudes, comunidades e a uberização das relações de trabalho

Objetivo: Perceber como o racismo impacta no mundo do trabalho, comprometendo, na questão das juventudes, oportunidades de primeiro emprego.

Oficina 1: Racismo e Mundo do Trabalho

Duração: 2h

Publico-alvo:

adolescentes, jovens e adultos participantes de cursos FIC de qualificação profissional.

RACISMO E TRABALHO

O racismo estrutural impacta drasticamente no mundo do trabalho, uma vez que as estruturas de poder das instituições são, em sua maioria, lideradas por homens brancos, o racismo compromete a vida profissional e a carreira de pessoas negras.

Somos impelidos a imaginar pessoas negras ocupando posições no mercado de trabalho que nada tenham a ver com liderança, a mesma medida em que construímos um imaginário social onde apenas um perfil pode acessar posições de comando e/ou destaque: pessoas brancas.

Ao falarmos com as juventudes, esperamos que percebam, enquanto avançamos no letramento racial, como o racismo estrutural pode comprometer até mesmo uma chance de primeiro emprego, ainda que o jovem preencha os requisitos necessários para a vaga almejada.

OFICINA 3

RACISMO E TRABALHO

Temática (s): Introdução aos estudos sobre os conceitos de racismo e impactos de práticas racista para as juventudes no âmbito da educação e mundo do trabalho.	
Tempo estimado de duração: 2 horas	
Público a que se destina: Jovens estudantes	
Objetivo (s)	Oportunizar aos jovens a ampliação dos conhecimentos sobre o racismo estrutural e suas manifestações no cotidiano, em especial, seus impactos no mundo trabalho, buscando a adoção de estratégias individuais e/ou coletivas voltadas ao enfrentamento de tal problemática, bem como a promoção de práticas antirracistas no âmbito da educação e no trabalho.
Conteúdos propostos	Representações de pessoas negras nos ambientes de trabalho; Juventudes, comunidades e a uberização das relações de trabalho.
Estratégias Metodológicas	<p>1º Momento: Apresentação do vídeo: "Como você enxerga o racismo? Veja a campanha";</p> <p>2º Momento: Como provocação inicial, pediremos aos jovens que citem as profissões que vem a sua mente e vamos registrando num quadro e/ou caderno, encerrando em 15 ou 20, conforme o número de participantes (pedimos que os jovens façam em voz alta, inclusive, para evitar a repetição de alguma profissão);</p> <p>3º Momento: Os jovens, agora organizados em grupos de até 5 pessoas, utilizando a internet e as redes sociais, devem pesquisar num buscador de imagens da internet (sugerimos aqui o Google Imagens) por essas profissões, registrando as 10 primeiras pessoas que o buscador de imagens apresenta quando eles digitam a profissão eleita e atentando para alguns recortes importantes como: raça/etnia, gênero e faixa etária.</p> <p>4º Momento: Os jovens devem sistematizar as informações em cartazes e/ou outra forma de apresentação e trazer as informações para socializar no grande grupo com a mediação do educador, provocando um debate sobre que tipo de pessoa imaginamos ocupando posições profissionais de destaque.</p>

OFICINA 3

RACISMO E TRABALHO

Estratégias Metodológicas	5º Momento: sugestões de perguntas para a roda de conversa: Quem é o profissional que mais representa em imagens a profissão X? Em profissões que dispõem de cargos de liderança, quem vemos? Em profissões operacionais, quem vemos?
Recursos	Projetor para a apresentação do vídeo e do Power Point; Sala de informática e computadores; Blocos para anotações.
Referências	<p>ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade e do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 2006.</p> <p>ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.</p> <p>RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.</p> <p>Materiais audiovisuais disponíveis, de forma pública e gratuita na internet: https://www.youtube.com/watch?v=5F_atkP3pqs</p>

OFICINA 3

RACISMO E TRABALHO

Desenvolvimento:

Dica 1: Recomendamos o vídeo abaixo para introduzir as atividades da Oficina 3, pois acreditamos que ele exemplifica os impactos do racismo no mundo do trabalho, contribuindo com essa atividade.



PraTodosVerem: Imagem de uma pessoa vestida com uma camisa branca de manga comprida, aparecendo somente os braços e segurando uma fotografia. Ao fundo uma parede branca. Na fotografia, há a imagem de um homem negro, vestindo chapéu e camisa de manga curta, segurando uma tesoura de poda que está sendo utilizada numa planta. Ao fundo há diversas plantas.

Vídeo:
Como você enxerga o racismo:
teste de imagem.

Para acessar clique [AQUI](#) ou
utilize
o QR CODE abaixo:



4

TERRITÓRIO JOVEM

Temática: Territórios e espaços de sociabilidade juvenil

Objetivo: Perceber o funcionamento e as dinâmicas territoriais das comunidades, principalmente na ocupação de espaços públicos e coletivos pelo público jovem.

Oficina 4: Territórios Juvenis.

Duração: 2h

Publico-alvo: adolescentes, jovens e adultos participantes de cursos FIC de qualificação profissional.

As dinâmicas territoriais também exemplificam o que temos posto como racismo estrutural. Se olharmos com atenção para as grandes cidades, a exemplo de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, os bairros menos abastados e/ou distantes dos grandes centros são majoritariamente ocupados por pessoas negras.

Infelizmente, existem grandes estigmas sobre as comunidades, e esses estigmas são reforçados pelas grandes mídias quando noticiam apenas os acontecimentos ruins dessas comunidades, como a disputa de territórios, tráfico de drogas, criminalidades, etc.

Existe muita coisa boa acontecendo nas comunidades, mas que infelizmente não tem notoriedade, a mesma medida em que muita coisa não tão legal acontece em bairros mais abastados, mas também não viram manchetes.

OFICINA 4

TERRITÓRIO JOVEM

Temática (s): Território Jovem	
Tempo estimado de duração: 2 horas	
Público a que se destina: Jovens estudantes	
Objetivo (s)	Compreensão das juventudes em suas diversidades e seus inúmeros contextos (sociais, territoriais, religiosos, etc).
Conteúdos propostos	Ampliar a compreensão acerca dos conceitos de trabalho e território subsidiando o diálogo e engajamento coletivo na luta por políticas promotoras da equidade racial no contexto pesquisado.
Estratégias Metodológicas	<p>1º Momento: Para essa atividade, recomendamos a utilização de músicas abordando a questão racial, juventudes, trabalho e território.</p> <p>2º Momento: Organização dos jovens em grupos de até 5 pessoas para a análise da letra da música escolhida. É importante pedir que os jovens retirem alguns excertos que mais lhes chamaram a atenção na música, partindo de algumas perguntas para a provocação inicial: Do que fala essa música? Onde percebemos os temas "trabalho, juventudes, racismo e território" nela?</p> <p>3º Momento: Retomada dos jovens no círculo para socializarem as suas impressões com o grande grupo;</p> <p>4º Momento: Ainda no círculo, perguntar aos jovens sobre os territórios jovens, em interface com a música que apresentaram, a partir das seguintes sugestões de perguntas para essa roda de conversa: Quem são as pessoas da nossa comunidade? Que espaços temos para os jovens em nossa região?</p>

OFICINA 4

TERRITÓRIO JOVEM

Recursos	Projektor para a apresentação do vídeo;Papel cartaz;Hidrocor.
Referências	<p>BARBOSA, J. S. Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes?. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.111283. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111283. Acesso em mar. 2023.</p> <p>SANTOS MARTINS, Carlos Henrique dos; Rodrigues CARRANO, Paulo Cesar A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Educação [on-line]. 2011, 36(1), 43-56. ISSN: 0101-9031. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117118584004</p> <p>Músicas: Sujeito de Sorte) de Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - part. Majur e Pablllo Vittar); Minha Alma - (A Paz Que Eu Não Quero) - O Rappa; Fé - cantoria IZA.</p>

OFICINA 4

TERRITÓRIO JOVEM

Sugestões de músicas e clipes para a Oficina 4:



#PraTodosVerem: Imagem do vídeo: jovem, negro com cabelos compridos, sem camisa, corrente no pescoço e sorrindo, com aparelho dentário. Ao fundo, do lado esquerdo a luz do sol.

Música: Sujeito de Sorte) de Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - part. Majur e Pabllo Vittar)

Para acessar clique [AQUI](#) ou utilize o QR CODE ao lado:



Música: Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero) - O Rappa

Para acessar clique [AQUI](#) ou utilize o QR CODE ao lado.



#PraTodosVerem: Imagem do vídeo: à direita, um jovem, negro, cabelos curtos carregando um menino negro nos ombros. O menino tem cabelos curtos, usa óculos e está vestido com camisa branca. Do lado esquerdo, está a imagem de um jovem negro usando touca, camiseta branca. Todos aparecem sorrindo. Ao fundo há uma quarta pessoa observando a cena. A parede de fundo é dividida entre preto e branco e possui um cartaz pequeno com letras ilegíveis.



#PraTodosVerem: Imagem da cantora IZA, mulher negra, com cabelos compridos, colar prateado no pescoço, brincos, e vestida com terno vermelho.



5

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E COTAS RACIAIS

Temática: Política de cotas e ações afirmativas: conceito e critérios no âmbito da educação e no trabalho; Políticas de ações afirmativas: cotas raciais como estratégia para a promoção da equidade no contexto da educação brasileira

Objetivo: Possibilitar aos/as jovens a ampliação de conhecimentos sobre as ações afirmativas e suas relações com a educação e mundo do trabalho.

Oficina 5: Políticas de Ações Afirmativas e Cotas Raciais.

Duração: 2h Público alvo: adolescentes, jovens e adultos participantes de cursos FIC de qualificação profissional.

Cotas raciais geram grandes debates até hoje. As cotas são aplicadas em concursos para cargos públicos, para o acesso a instituições de ensino superior, e até mesmo partidos políticos tem adotado cotas na composição de seus candidatos.

Nas universidades e outras instituições de ensino, as cotas raciais são parte das políticas de ações afirmativas e, em linhas gerais, servem para garantir o ingresso e permanência dos estudantes que dela se utilizarem.

Objetivamos nessa oficina que os jovens conheçam o funcionamento das cotas raciais, ações afirmativas e seus objetivos, para não caírem em discursos que comprometam o funcionamento dessa política.

OFICINA 5

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E COTAS RACIAIS

Temática (s): Políticas de ações afirmativas: ampliando os conhecimentos sobre cotas raciais como estratégia para a promoção da equidade no contexto da educação escolar brasileira

Tempo estimado de duração: 2 horas

Público a que se destina: Jovens estudantes

Objetivo (s)

Possibilitar aos/as jovens a ampliação de conhecimentos sobre as ações afirmativas e suas relações com a educação e mundo do trabalho a fim de subsidiá-los para que tenham acesso às políticas públicas vigentes no âmbito da educação escolar brasileira.

Conteúdos propostos

Política de cotas e ações afirmativas: conceito e critérios no âmbito da educação e no trabalho. Políticas de ações afirmativas: cotas raciais como estratégia para a promoção da equidade no contexto da educação escolar brasileira.

Estratégias Metodológicas

1º Momento: Com os jovens em círculo, apresente o que são as cotas raciais, a história e importância das ações afirmativas. Você, educador, pode utilizar as informações do slide acima ou comentar com os jovens sobre.

2º Momento: Apresentação da música "Cota não é esmola", da Bia Ferreira, disponível no YouTube.

3º Momento: Com os jovens organizados em grupos de até 5, pedir que eles retirem excertos da música e analisem em seus grupos.

4º Momento: Retomada do grande círculo para os jovens socializarem as impressões dos grupos menores, a partir da apresentação sobre as cotas e dos excertos da música. Sugestões de perguntas para a etapa 4, na retomada do círculo: O que são cotas raciais? O que entendemos por ações afirmativas? Como as cotas raciais se aplicam no acesso a cursos técnicos e ao ensino superior? O que são cotas de escola pública e como se aplicam?

OFICINA 5

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E COTAS RACIAIS

Recursos	Projetor para a apresentação do vídeo e do Power Point.
Referências	<p>ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo Estrutural (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.</p> <p>BRASIL. Lei Federal nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei_Federal_nº_12711.htm. Acesso em: 5 jul. 2021.</p> <p>VAZ, Lívia Sant'Anna. Cotas Raciais (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo. Editora Jandaíra, 2022.</p> <p>Vídeo disponível no Youtube: O racismo é perigoso. Link para acesso: https://www.youtube.com/watch?v=KZGNu4NcWLS</p>

OFICINA 5

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E COTAS RACIAIS

Apresentação: Cotas raciais, o que são.

Para ampliar o estudo, sugerimos o documentário "**Cotas raciais no Brasil: entenda o que são.**", o qual foi produzido pela Coordenadoria de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Goiás.

ACESSE CLICANDO AQUI OU UTILIZE O QR CODE ABAIXO:



#PraTodosVerem: Imagem de rosto de pessoa negra, contendo a seguinte frase #cotassim, escrita em letras brancas, escrita cobrindo a imagem acima do nariz. Fundo branco.

OFICINA 5

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E COTAS RACIAIS

Outra sugestão para explorar a temática é a música **Cota Não é Esmola** da cantora **Bia Ferreira**.

ACESSE CLICANDO AQUI OU UTILIZE O QR CODE ABAIXO:



#PraTodosVerem: Imagem da cantora Bia Ferreira, mulher preta, usando turbante, brincos, blusa quadriculada nas cores branco e vinho, segurando um violão e com um microfone à sua frente. Ao fundo, painel colorido com desenho colorido do rosto de uma pessoa. e plantas e folhas verdes ao redor dos cabelos.

Sugestões de questionamentos para o debate na retomada do círculo sobre ações afirmativas e cotas raciais:

O que você entende por ações afirmativas?

O que você sabe ou gostaria de saber sobre cotas raciais?

O que você sabe ou gostaria de saber sobre cotas de escola pública e como se aplicam?

O que você sabe ou gostaria de saber sobre cotas raciais e como se aplicam no acesso à educação profissional e ao ensino superior?

6

AFINAL, O QUE É A REDE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA?

Criada em 2008 pela Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, também conhecida por Rede Federal, conforme os dados do MEC (2019), está composta por 38 Institutos Federais, 02 Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefet), a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais e o Colégio Pedro II.

Considerando os respectivos campi associados a estas instituições federais, tem-se ao todo 661 unidades distribuídas entre as 27 unidades federadas do país.

JUVENTUDES NEGRAS E COTAS RACIAIS: ATUAIS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

Se antes falamos sobre cotas e as ações afirmativas, queremos agora, nesse sexto encontro, apresentar algumas políticas desenvolvidas para o ingresso e permanência dos jovens pobres, sobretudo dos jovens negros, em cursos técnicos e superiores, em razão de uma preparação para a vida adulta e/ou para o exercício do trabalho.

Em nossa segunda oficina tínhamos uma questão em mente: "Quem pode ser jovem?" Isto é, experimentar a condição juvenil. Sabemos que as políticas públicas direcionadas aos jovens negros e moradores de comunidade sempre tem em seus objetivos, ainda que de forma subjetiva, uma preparação para a vida adulta e para o exercício do trabalho.

Objetivamos nessa oficina que os jovens conheçam o funcionamento das políticas de ações afirmativas e seus objetivos, dialogando com a educação e o mundo do trabalho no âmbito da educação profissional. Para tanto, num primeiro momento, apresentamos brevemente a rede federal de educação profissional e tecnológica.

OFICINA 6

JUVENTUDES NEGRAS E COTAS RACIAIS: ATUAIS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

Tempo estimado de duração: 2 horas	
Público a que se destina: Jovens estudantes	
Objetivo (s)	Possibilitar os/as jovens a compreensão das formas de ingresso na EPT e no ensino superior mediante a análise das políticas de ações afirmativas vigentes, bem como ampliando os conhecimentos acerca da rede federal, tendo como referência o mapeamento das oportunidades oferecidas pelo IFRS- Campus Porto Alegre.
Conteúdos propostos	Estrutura e funcionamento do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa Universidade para Todos (PROUNI); Estrutura e funcionamento da rede federal de EPT, em especial, enfocando as oportunidades e formas de ingresso, em particular, a partir do estudo do IFRS.
Estratégias Metodológicas	<p>1º Momento: Organização dos jovens em grupos de até 5 participantes.</p> <p>2º Momento: Separação dos itens a serem pesquisados pelos grupos, a exemplo: Grupo 1: O que é e como funcionam: ENEM, SISU, PROUNI, FIES. Grupo 2: O que é ensino médio integrado? O que são os Institutos Federais? Tem algum na minha cidade? Como funciona o ingresso para cursos técnicos e superiores nos IFs? Grupo 3: Quais as universidades públicas que temos em nossa cidade? Como funcionam as ações afirmativas para o ingresso nessas instituições?</p> <p>3º Momento: Retomada dos grupos para o círculo, para socializarem com os demais as informações obtidas.</p>

OFICINA 6

JUVENTUDES NEGRAS E COTAS RACIAIS: ATUAIS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

Recursos	Projetor para a apresentação do vídeo e do Power Point.
Referências	<p>VAZ, Livia Sant'Anna. Cotas Raciais (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo. Editora Jandaíra, 2022.</p> <p>BRASIL. Lei Federal nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei Federal nº /l12711.htm. Acesso em: 5 jul. 2021.</p>

CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE A EPT NA REDE FEDERAL

Atualmente, a rede federal de educação profissional e tecnológica
é formada por:

38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs),
2 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs),
o Colégio Pedro II (CPII),
22 Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais
e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

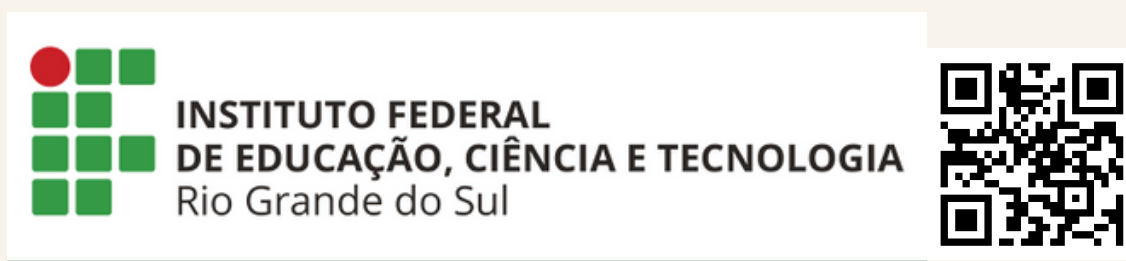
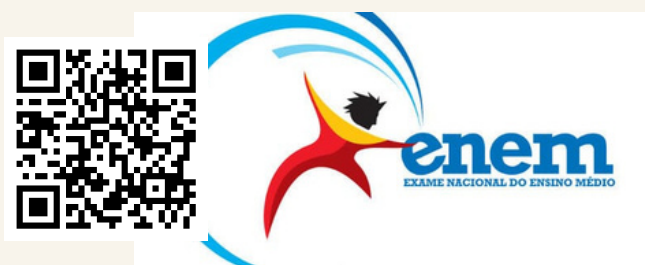
Para saber mais sobre a localização das instituições da rede
federal no seu Estado ou região, bem como os cursos ofertados,
de forma pública e gratuita, acesse o site
clikando [AQUI](#)
ou
através do QR CODE abaixo:



COMO ACESSAR O DIREITO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PÚBLICA E GRATUITA?

Prezado/a educador/a, vamos disponibilizar aqui alguns links com informações sobre o ENEM, PROUNI, SISU E FIES, bem como com informações sobre o IFRS e as formas de ingresso.

Clique na imagem ou no QR CODE e acesse as informações:



**#ParaTodosVerem: Acima as imagens contêm as
logos do ENEM, PROUNI, SISU, FIES E IFRS.**

7

OFICINA 7: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AVALIAÇÃO/ENCERRAMENTO.

Objetivo: Participar os jovens dos impactos das oficinas realizadas, ouvindo, através do círculo da cultura, a avaliação deles sobre essas atividades..

Oficina 8: Encerramento/Avaliação.

Duração: 2h

Publico alvo: adolescentes, jovens e adultos participantes de cursos FIC de qualificação profissional.

Prezado/a educador/a, estamos chegando ao final das nossas oficinas de letramento racial para o mundo do trabalho. Até aqui falamos dos impactos do racismo estrutural nas juventudes negras e suas interfaces com o mundo do trabalho.

Queremos, ao final dessas atividades, que os jovens façam uma avaliação desse processo de formação das oficinas.

Entendemos que a forma de se fazer uma avaliação varia bastante de uma instituição para outra, e varia, até mesmo, entre os educadores. No entanto, sugerimos que a avaliação seja feito aos moldes do Círculo da Cultura, de Paulo Freire, que fez parte do processo metodológico de construção e aplicação das oficinas.

OFICINA 7: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AVALIAÇÃO/ENCERRAMENTO.

Tempo estimado de duração: 2 horas	
Público a que se destina: Jovens estudantes	
Objetivo (s)	Sistematizar os conhecimentos produzidos sobre racismo estrutural e suas manifestações no contexto da educação e do mundo do trabalho apontando subsídios para a reflexão e adoção de estratégias individuais e coletivas que promovam e consolidem políticas de ações afirmativas que promovam práticas educativas antirracistas.
Conteúdos propostos	Avaliação individual e coletiva das ações desenvolvidas durante as oficinas.
Estratégias Metodológicas	1º Momento: Com os jovens organizados no círculo da cultura, passar as orientações de como será a atividade de avaliação; 2º Momento: Agora, com os jovens divididos em grupos de 4 ou 5 participantes, pedir que eles revisitem as oficinas anteriores, tomando nota dos pontos positivos, relevância, crítica e sugestões de melhorias para cada uma das oficinas; 3º Momento: Os jovens devem colocar as informações em um cartaz ou outro documento que permita socializar com o grande grupo essa avaliação das oficinas; 4º Momento: Retomada do círculo da cultura e socialização da avaliação para todo o grande grupo.
Recursos	Projektor para a apresentação do vídeo e do Power Point.
Referências	BERTH, Joice. Empoderamento (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo. Editora Jandaíra, 2021. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo da Cultura . In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). Dicionário Paulo Freire , Editora Autêntica, São Paulo, 2010. MEDRADO, Benedito; MENEGON, Vera; SPINK, Mary Jane. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas . Revista Psicologia & Sociedade , Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo Estrutural. Coleção Feminismos Plurais (Coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- ANTIRRACISMO. In: Glossário Antidiscriminatório Volume 3: Raça e Etnia. Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022. Disponível em:
- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade e do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.
- BALDO, Ana Maria et al. Nunca me Sonharam: Juventudes das Classes Populares, Meritocracia, Acesso Universitário e Trabalho. In: PRATES, Daniela de Azevedo Medeiros et al - organizadoras: Juventudes Contemporâneas: Juventudes, Trabalho e Educação. Porto Alegre. Editora Cirkula, 2022.
- BARBOSA, J. S. Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes?. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 34, n. 1, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.111283.
- BENTO, Cida. O Pacto da Branquitude. - 1ª Ed - São Paulo. Companhia das Letras, 2022.
- BERTH, Joice. Empoderamento (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo. Editora Jandaíra, 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo da Cultura. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José Jaime (Orgs). Dicionário Paulo Freire, Editora Autêntica, São Paulo, 2010.
- BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Anuário Estatístico de Educação Profissional e Tecnológica - ano base 2019. Brasília: INEP:2021.

BRASIL, Senado Federal. Lei Federal nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

BRASIL, Senado Federal. Lei Federal nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL, Senado Federal. Lei Federal nº 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BRASIL, Senado Federal. Lei Federal nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

BRASIL, Senado Federal. Lei Federal nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional. Portal MEC.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Brasília: 2021.

BRASIL, Ministério da Economia. Atlas da Violência (2021). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2021. Disponível em:

BRASIL, Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. Texto para discussão. Vulnerabilidade social no Brasil: conceitos, métodos e primeiros resultados para municípios e regiões metropolitanas brasileiras. Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2018.

BUDIÑO, Nara Zari Lemos. Ações afirmativas para a Educação Profissional e Tecnológica: negros e negras no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação Profissional e Tecnológica). UFSM. Santa Maria, 2019.

DOS SANTOS SANTANA, L.; BARBOSA SILVA, S.; SANTANA SANTOS, R. "Não fale em crise, trabalhe" e a reforma trabalhista : efeitos de sentidos na pandemia da Covid-19. Revista Heterotópica, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 160–179, 2020. DOI: 10.14393/HTP-v2n2-2020-57217.

CAIXETA, Mariana. Por uma pedagogia multirracial: inclusão, emancipação e ressignificação dos estudantes negros no ambiente escolar. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). IFTM. Uberaba, 2019.

COLLING, Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.

COLORISMO. In: Glossário Antidiscriminatório Volume 3: Raça e Etnia. Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

FERRETE, Rodrigo Bozi. O "combo" da trajetória da formação escolar no IFS: o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes negros cotistas no ensino médio integrado do campus Aracaju. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). IFS. Aracaju, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. Revista Brasileira de Educação. online. 2009, vol.14, n.40, pp.168-194.

GALIAZZI, Maria do Carmo; SOUSA, Robson Simplicio de. A dialética na categorização da análise textual discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.7, n.13, 2019, p. 01-22.

MARTINS, LM., and DUARTE, N., orgs. Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Available from SciELO Books.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; Rodrigues CARRANO, Paulo Cesar A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Educação [on-line]. 2011, 36(1), 43-56. ISSN: 0101-9031.

MEDRADO, Benedito; MENEGON, Vera; SPINK, Mary Jane. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. Revista Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014

MEINERZ, Carla; Pereira, Junia SALES. Apresentação da Seção Temática Educação e Relações Étnico Raciais. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.42, N. 1, 2017.

MEINERZ, Carla. Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.42, N. 1, 2017.

MENEZES, Germano de Oliveira. Educação para as relações étnico-raciais: percepção dos professores de história do ensino médio integrado do IF Sudeste MG – campus Muriaé e campus Rio Pomba. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). IF Sudeste MG. Rio Pomba, 2020.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e EPT: dualidade histórica e perspectivas de integração. HOLOS, [S.l.], v. 2, p. 4-30, mar. 2007. ISSN 1807-1600.

MOREIRA, Adilson. Racismo Recreativo. Coleção Feminismos Plurais (Coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

PAIS, José Machado. A Construção Sociológica das Juventudes - alguns contributos. Análise Social: Vol. XXV, 1990.

PAIS, José Machado. Lazeres e Sociabilidades Juvenis - um ensaio de análise etnográfica. Análise Social: Vol. XXV, 1990.

RAÇA. In: Glossário Antidiscriminatório Volume 3: Raça e Etnia. Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

RÉGIS, Leandro. A Contribuição do ensino de História para a Formação dos Estudantes dos Cursos Técnicos Integrados de Química e de Informática do IFSC-Campus Gaspar: o Racismo em Debate. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). CERFEAD/IFSC. Florianópolis/SC, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, [online], vol.12, n.34, p.152-165, 2007.

SAMPAIO, Simone S.; MENEGUETTI, Gustavo. Entre a vida e a morte: estado, racismo e a "pandemia do extermínio" no Brasil. Revista Katálisis, v. 23, n. 3, p. 635-647, dez. 2020.

SALES Jr., Ronaldo. (2006). Democracia racial: o não-dito racista . Tempo Social, 18(2), 229-258.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Editora Enigma, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O tráfico de drogas no Rio de Janeiro e seus efeitos negativos sobre o desenvolvimento sócio-espacial. Rio de Janeiro, Cadernos IPPUR, 1996.

VIEIRA, Josimar de Aparecido et al. Expectativas dos Jovens diante do Mundo do Trabalho na Contemporaneidade: Sentidos e Perspectivas. Revista Valore. Volta Redonda, 2022.

VAZ, Livia Sant'Anna. Cotas Raciais (Coleção Feminismos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro). São Paulo. Editora Jandaíra, 2022.

RIBEIRO, F. da C. .; SILVA, S. dos S. . UMA CARTILHA PARA ESTRUTURAÇÃO DE OFICINA PEDAGÓGICA. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], p. 04-40, 2021.

VALLE, H. S. do, & ARRIADA, E. (2012). “Educar para transformar”: a prática das oficinas/. Revista Didática Sistêmica, 14(1), 3-14.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos , v. 2019, p. 16-16, 2019.